

Dilema

José Manuel da Silva

Resisti muito para aceitar o convite, mas no final, achei que poderia trazer algum proveito. Se bem que qual pode ser o proveito para um detento num país como o nosso? Especialmente um detento preso arbitrariamente? É sabido que detentos neste país não têm voz, que o sistema prisional é deficiente, caótico, sobrecarregado e não contribui em nada para qualquer tipo de ressocialização. Ainda assim, não custa nada tentar. Começemos pelo princípio.

Fui preso injustamente. A razão? Bem, há duas. Uma é a que corre oficialmente: resisti à prisão, xinguei e agredi policiais, estava descontrolado, ou seja, tudo que afirmam sem provas quando querem incriminar alguém. Outra é a verdadeira: por meses, falei mal de um presidente e seus ministros, que só fazem destruir o país e o pouco de bom que existia antes. Publiquei mensagens em redes sociais, fui ativo em manifestações, segurei cartazes e bradei palavras de ordem. Um detalhe: nunca xinguei, ofendi ou agredi qualquer membro de um desgoverno infeliz que ainda insiste em reduzir o país e seu povo a cinzas. Nada disso consta da papelada que tenta justificar minha permanência aqui. Teria sido preso durante uma manifestação (não; invadiram meu apartamento), resisti, xinguei e tudo que disse acima.

Por que tanto ódio? Por que seria eu uma ameaça? São perguntas que tento responder faz quase dois anos. Cheguei a poucas conclusões possíveis. Apontar exemplos de racismo, homofobia, misoginia e fascismo em membros do governo; criticar medidas absurdas, preconceituosas, convenientes, protelatórias e parciais; demonstrar o negacionismo e o descaso com a ciência, a arte e a cultura; criticar o perfil retrógrado promovido por religiosos antiquados e conservadores, apoiados por supostos cidadãos de bem endinheirados e refratários a um mundo moderno e progressista, tudo isso com o apoio de uma parcela da população que, por diversas razões, não tem a menor noção de como se escolhe um presidente. Talvez, no entanto, as respostas mais corretas fossem três: sou professor universitário – e para piorar, de História; sou preto; posso ter sido alvo de uma armação. Explico.

Faz tempo que, direta ou indiretamente, as universidades viraram alvos dos conservadores radicais de direita. Quem não se afina com o que é advogado pelo governo torna-se inimigo e passível de perseguição e punição. A coisa está tão arraigada que, assim como na Itália de Mussolini, na Alemanha de Hitler e nas recentes ditaduras militares da América Latina, há "olheiros" prontos a entregar colegas, amigos, conhecidos e desconhecidos, seja por dinheiro, seja para obter favores, ou por mera vingança. Foi o meu caso, talvez.

Não costumo – ou melhor, não costumava –, exceto quando o assunto exige, falar de política em sala de aula; no

entanto, às vezes isso acontece, o que é natural em minha disciplina.

Voltando: fui obrigado a reprovar metade de uma turma, metade essa que, evidentemente, não gostou muito de perder o semestre. É a praxe hoje em dia: os alunos não se interessam, não se dedicam, não estudam o suficiente e, quando não conseguem aprovação, culpam os professores, as provas, os livros, a universidade e sabe-se lá mais quem ou o quê. Estou generalizando, claro, mas esse tende a ser um padrão nos últimos anos. Minha advogada descobriu, após minha prisão, que uma das alunas reprovadas é filha do assessor de um deputado pró-governo. Paranoia minha? Pode ser. No mínimo, muita coincidência.

Mais um dado: não fiquei nem uma hora na delegacia. Fui colocado numa sala, algemado, e deixado lá até virem me buscar. Fui jogado bruscamente em um carro particular e, depois de uma hora, cheguei aqui. Nada de formalidades, exames, registros; fui direto para a sessão de pancadaria e depois trancado em uma cela. Ilegalidades? Talvez, mas o que fazer quando me chamam de "comunista nojento" e me encaram dizendo "mais um comunista que vai aprender a ser homem"? Será que sabem o que é comunista e comunismo?

O fato é que adentraram meu apartamento dois dias depois da divulgação das notas e um dia depois de eu ter publicado um longo texto – mais um – criticando o governo, chamando-o de desgoverno, e sugerir que o único destino possível para todos os seus membros seria a cadeia. Paranoia ou coincidência?

A chegada aqui foi igual à de quase todos: boas-vindas com pancadas, xingamentos, ameaças, dois dias incomunicável e outros abusos que prefiro não comentar. Por azar (?) sou preto. Sim, estamos num país onde a cor da pele funciona como uma espécie de salvo-conduto para menos sofrimento, ainda que não impeça a injustiça e a violência. Minha escolaridade trouxe regalias, mais entre os presos do que entre as "autoridades", que, certas da impunidade, não se preocupam nem em manter as aparências.

A verdade é que tenho sido bem tratado, embora alguns desconfiem de mim e me tratem com certo desdém e alguma agressividade. Pode ser também que minha condição de "preso político" tenha influenciado. Todos sabem por que estou aqui. Afinal, todos aqui sabem de tudo. Sempre.

Quando cheguei, como disse, apanhei muito. Tive receio de ter fraturado alguma costela e a perna esquerda. Fora o sangue que descia das sobancelhas e da boca. Dois presos, aparentemente bastante respeitados, vieram em meu socorro. No final das contas, não tive fraturas, só hematomas.

Antes de ser colocado em outra cela, consegui telefonar e pedir à minha namorada que me enviasse alguém. Encurtando a história, veio uma advogada, conversou comigo, disse que faria o que pudesse e me deu alguns conselhos, o principal deles era para não me exaltar com ninguém, não discutir e não aceitar provocações. Em princípio, os presos não mexeriam comigo; o perigo eram os

policiais, carcereiros e outros, a maioria partidários da política vigente, ou seja, "inimigos". Mesmo assim, eles sabiam que tinham limites, e ela divulgaria o caso, o que evitaria consequências mais graves devido à publicidade. Não sabia, no entanto, dizer quanto tempo eu ficaria aqui. As coisas pareciam a época da ditadura, com presos políticos e tudo o mais, embora não se usasse mais o termo por razões óbvias. Não sei o que ela fez, mas certamente conseguiu alguma coisa: ainda não pude ir embora, mas minha vida não está ruim aqui dentro, ou melhor, tão ruim quanto poderia estar, eu acho. Foi ela que me pediu para escrever este relato. Vai tentar publicar e ver se traz algum resultado prático em meu processo, que – pasmem! – não existe oficialmente. Para todos os efeitos, passei por uma delegacia, respondi algumas perguntas, assinei um termo circunstanciado e fui solto. Parece impossível, mas eu sou a prova viva de que é possível.

Dizem que as prisões brasileiras são o inferno. Não estão errados. O que já vi acontecer por aqui deixaria qualquer pessoa assustada. Quem mais sofre são os presos que não têm vínculo com o tráfico ou com alguém influente – entenda-se: proteção – e neste caso a cor não importa; em segundo lugar, os pretos, especialmente os mais pobres; em terceiro lugar os pobres de modo geral e os gays. Todo dia ouço gritos; todo dia alguém é surrado. E toda semana morre alguém. Finjo que não ouço, que não vejo, que não desconfio de nada. Fico lendo meus livros, que a advogada tem autorização para trazer, escrevendo, e meu colega de cela é um sujeito tranquilo. Venho ensinando algumas

coisas a ele, a escrever, principalmente; acho que isso me deu pontos com os outros. Um dos presos veio me perguntar se eu toparia criar uma "escola" aqui dentro. Eu disse que sim, metade para conquistar a confiança de todos, metade porque pode ser algo interessante, mesmo se e quando eu sair daqui.

O desrespeito pelos detentos aqui é enorme. A grande maioria não sabe a quantas anda sua pena; em muitos casos, já deveriam ter saído daqui. Em outras palavras, aqui é o reino do desespero e da desesperança. A comida é horrível, a assistência médica sofrível, violência e agressividade são a tônica do dia a dia. Como esperado, direitos humanos e dignidade inexistem.

A pandemia trouxe mais desgraça. Minha advogada me trouxe máscaras, e, pelos motivos que já listei, tenho algumas vantagens, posso ficar mais isolado e ainda não fui "contemplado" com o vírus. Por outro lado, houve um enxame de infectados. Improvisaram uma enfermaria que mais parecia um cortiço. Eu arriscaria dizer que um quinto de todos aqui morreu de coronavírus. Alguém aí fora soube disso?

Pavor mesmo eu tive uma vez. Do nada, apareceram dois policiais e dois militares; disseram que precisavam me interrogar. Fui levado para uma sala e fiquei assustado quando vi alguns objetos que não consegui identificar. Durante todo o "interrogatório", fui ameaçado, mas não me tocaram. Acho que é isso que chamam de tortura psicológica, ou parte dela. Perguntaram por que eu estava ali. Quando disse que não sabia, os quatro se levantaram e

começaram a me xingar e a dizer que iam fazer isso e aquilo comigo, que não estavam para brincadeira, que ninguém ia saber o que aconteceu e que não achariam meu corpo. Tentei parecer tranquilo, mas por dentro estava em frangalhos, imaginando o que poderia acontecer. Perguntaram o que eu achava do presidente; eu disse, estudadamente, que não achava ele um bom presidente. Por quê? Porque ele não estava fazendo um bom governo. Perguntaram se eu tinha religião. Disse que não. Perguntaram o que eu achava da religião. Disfarcei e disse que não tinha opinião formada. Sem qualquer explicação ou comentário, depois de uma hora, fui levado de volta à cela.

Por alguma razão, fizeram um caminho diferente na volta e pude ver outra seção do presídio. Aquilo sim tinha mais parentesco com o inferno. Foi aí que entendi o que querem dizer quando falam de superpopulação carcerária. Indescritível. Parece um criadouro de animais de abate. Fora o barulho: gritos, imprecações, lamentos, um caos. Demorei alguns dias para me recuperar daquela visão. O que me vinha à mente eram os lugares que visitei na Alemanha, os campos de concentração, as celas, as fotografias. A maldade humana travestida de medidas de interesse da população e legalidade; a arrogância de sociopatas (ou, mais modernamente, portadores de transtorno de personalidade antissocial) guiados pela sede de poder e apoiados pelos endinheirados. É clichê, mas a história se repete; a população sempre será manipulada por algum líder carismático que utilize linguagem e imagens que o povo não entende muito bem. E a pobreza sempre se curvará ante

qualquer perspectiva de melhora de sua condição, ainda que saiba, no fundo, que jamais se materializará. O sonho. A esperança. A crença num porvir melhor. Tudo com o pano de fundo do sobrenatural: as religiões provêm a base necessária para a manipulação da massa de manobra. Como discutir com a divindade? Como argumentar com a idolatria? Como provar a irrealidade, a incoerência e a inaceitabilidade do que não se vê?

Esse tempo aqui dentro me fez refletir mais profundamente sobre algo que sempre me intrigou: como, após séculos e séculos de tortura, crueldade, violência, luta pelo poder, disputa de interesses, ricos *versus* pobres, desigualdades, racismo, segregação, como em sã consciência, não aprendemos nada? Em pleno século 21, estou preso pelas mesmas razões que levaram outros e outras às masmorras e à fogueira. Podemos culpar a natureza humana? Suponho que é o que sobra, pois tudo – sistemas políticos, sociais e econômicos – é derivado dela.

No caso de nosso país, é tudo mais incrível ainda. Como deixamos uma corja de lunáticos, milicianos, políticos da mais baixa estirpe, militares da pior espécie e religiosos avarentos chegarem ao poder? Sou suspeito para falar, mas apostaria na falta de educação. Um povo sem educação tende a replicar o passado, ainda que seja nocivo e execrável; um povo sem educação tende a se tornar acrítico, a não conseguir discernir o bem do mal, a não relativizar. Para mim, não há outra explicação.

Hoje recebi uma boa notícia. Posso ir embora quando quiser. Minha advogada trouxe as boas-novas. Só que, como

tudo na vida, há uma condição. Preciso assinar um documento afirmando que nunca estive preso, que fui detido somente para prestar esclarecimentos e fui liberado. Ou seja, não perdi dois anos da minha vida aqui, não posso processar ninguém, não posso dizer o que passei neste antro. Minha liberdade será trocada por meu silêncio eterno. Pegar ou largar. O caso saiu na mídia, mas, para todos os efeitos, eu fui liberado, lembram?

Pedi um tempo para pensar.

Mas pensar em quê? São duas possibilidades: (1) voltar a ser livre, viver minha vida, voltar a trabalhar, viajar, namorar, só depende de mim; (2) ficar aqui até sabe-se lá quando, sem saber se vou viver ou morrer.

No primeiro caso, preciso passar por cima de minhas convicções, meus princípios, e, em última análise, compactuar com o que está acontecendo no país – não devo ser o único nesta condição. Em suma: calo a boca e fico vivo; foda-se o que penso. No segundo caso, bem, no mínimo, continuarei invisível, como estou desde que vim parar aqui.

Difícil decisão.

O que fazer? Liberdade ou princípios? Covarde vivo ou pseudo-herói morto?

Pedi dois dias para pensar melhor e entregar ou não este documento.

Uma breve conversa

José Manuel da Silva

- [silêncio]
- [silêncio]
- A gente podia namorar.
- Podia não.
- Por quê?
- Porque não quero.
- E o que você quer?
- Sexo.
- Só sexo?
- Só sexo.
- Mas por quê?
- Porque sim.
- Só sexo é muito frio, distante...
- Não acho.
- Fica uma coisa muito mecânica.
- Não acho.
- Prefiro namorar.
- Você. Eu não.
- Namorar que é bom. Tem cumplicidade, tem companheirismo, amor, carinho.
- É.
- E tem sexo também.
- Tem.
- Por isso que é melhor.
- Pra mim não.

- E quando a gente namora faz amor, não é só sexo.
- Nem sempre.
- Ah, eu acho.
- Eu não acho. Isso tudo é nome.
- Só sexo é muito chato.
- Pra você. Pra mim não.
- [silêncio]
- [silêncio]
- A gente podia tentar.
- O quê?
- Namorar.
- Podia não.
- Por quê?
- Já disse. Não quero.
- Se não der certo, a gente termina.
- Não.
- É trauma?
- O quê?
- Não querer namorar.
- Não.
- Medo?
- Também não.
- Então é o quê?
- Opção.
- Mas namorar é bom.
- Eu sei.
- Então por que não?
- Porque não quero.
- Mas você disse que é bom.

- Disse.
- Então você também gosta.
- Gosto.
- Então...
- Gosto, mas não quero.
- Não faz sentido.
- Pra você. Pra mim faz.
- E se eu não quiser só sexo?
- A gente não faz.
- Aí nem namoro nem sexo.
- Isso.
- Não vai ser ruim?
- Vai.
- Pela falta do namoro ou do sexo?
- Do sexo.
- Mas só sexo fica sem afeto, sem proximidade, sem participar na vida do outro.
- Não acho.
- E fazer só sexo não é gostar.
- Pode ser sim.
- Não acho.
- Mas eu acho.
- Vamos tentar.
- O quê?
- Namorar.
- Melhor não.
- Mas por quê?
- Já falei um milhão de vezes.
- O quê?

- Só quero sexo.
- Ah tá.
- Pois é.
- [silêncio]
- [silêncio]
- Minha bateria vai acabar.
- A minha também.
- Tô livre nesse sábado.
- Eu também.
- [silêncio]
- [silêncio]
- Mesmo lugar?
- Pode ser.
- Oito tá bom?
- Tá sim.
- Mesmo lugar?
- Sim.
- Tá ficando chato isso.
- O quê?
- Deixa pra lá.
- Fala.
- Esse nosso esquema.
- É só pular fora.
- Não quero.
- Então não reclama.
- Reclamo sim.
- Então tá.
- [silêncio]
- [silêncio]

- Então sábado, às oito.
- Fechado.
- Se mudar, me avisa.
- Não vai mudar.
- Tem certeza?
- Tenho.
- [silêncio]
- [silêncio]
- Eu gosto de você.
- Eu também gosto de você.
- Como é que você sabe?
- Eu sei.
- Como? Me fala.
- Se não gostasse, não saía com você.
- Sai só pra sexo.
- Sim.
- Isso não é gostar.
- É o que você acha.
- É o que todo mundo acha.
- Todo mundo quem?
- É só perguntar.
- Perguntar pra quem?
- Pra qualquer pessoa.
- Não vou perguntar.
- Viu só?
- Viu o quê?
- Sabe que se perguntar, vai perder.
- Pra mim, não é um campeonato.
- [silêncio]

- [silêncio]
- Tenho que ir.
- Eu também.
- Então, sábado.
- Sábado, às oito.
- [silêncio]
- [silêncio]
- Sabe...
- O quê?
- Nada. Esquece.
- Agora fala.
- Fico pensando.
- Em quê?
- Na gente.
- Como assim?
- A gente se encontra e só tem sexo.
- Sim.
- Isso não te incomoda?
- Não.
- Como pode?????
- Podendo.
- Não brinca, é sério.
- Eu sei. Estou falando sério.
- Você só quer me usar.
- Não.
- É sim.
- É não.
- Deixa pra lá.
- Melhor.

- Não quer falar disso, né?
- Posso falar, sem problema.
- Então fala.
- Falar o quê?
- Só quer me usar.
- Posso dizer o mesmo.
- Como assim?
- Se eu te uso, você me usa também.
- [silêncio]
- [silêncio]
- Não acho.
- Não acha por quê?
- Porque eu gosto de você.
- Mas eu também gosto de você. Já disse isso.
- Mas só quer sexo.
- Sim.
- Isso não é gostar.
- E por que não?
- Por que não.
- Bela resposta. Bem madura.
- [silêncio]
- [silêncio]
- Não vai furar.
- Nunca furei.
- Sempre tem a primeira vez.
- Com você, não terá.
- Tem certeza?
- Tenho.
- Hmmmm, gostei disso.

- Que bom. Então tá.
- Já quer se livrar de mim?
- Claro que não, mas tenho que ir.
- Eu também.
- Então vamos.
- [silêncio]
- [silêncio]
- Você tem alguém.
- Como?
- Você tem alguém.
- Como assim?
- Se não tivesse, me assumia.
- Não tenho ninguém.
- E por que não tem?
- Sei lá, porque não tenho.
- Nunca se apaixonou?
- Já sim.
- E como como foi?
- Como foi o quê?
- A paixão.
- Normal.
- E por que acabou?
- Acabando.
- Não existe isso. Paixão não acaba.
- Acaba sim.
- [silêncio]
- [silêncio]
- E amor acaba?
- Acho que sim.

- Eu acho que não.
- Então tá.
- [silêncio]
- [silêncio]
- Não esquece do nosso encontro.
- Nunca esqueci.
- Verdade.
- Então...
- Vamos conversar.
- Sobre o quê?
- Sobre a gente.
- Tá bom.
- Promete?
- Claro, por que não?
- Então tá.
- Então tá.
- Vou poder perguntar o que eu quiser?
- Claro que sim, sempre.
- Então, tá.
- Então, tá.
- Ah, mais uma coisa.
- O quê?
- Leva aquilo que eu te dei.
- Levo sim.
- Sabe o que é, né?
- Sei sim.
- Então fala.
- Falar o quê?
- O que eu te dei.

- Não precisa. Eu sei.
- Duvido.
- Vai ver quando a gente se encontrar.
- Promete?
- Prometo.
- Então tá.
- Então tá.
- Sábado, às oito.
- Mercado.
- Te amo.
- [silêncio]
- Viu só?
- Vi o quê?
- Deixa.
- Fala.
- Eu falo que te amo, e você nada.
- Já falamos sobre isso.
- [silêncio]
- [silêncio]
- Então, até.
- Até.